

**A Desmistificação e a Humanização do Transexual:
uma análise audiovisual holística da série “Segunda Chamada”**

Plinio Marcos Volponi LEAL¹

Daniel Ribeiro dos SANTOS²

GT 1 - Discursividades Midiáticas e Textualidades na Mídia

RESUMO

Frequentemente, o transexual é representado na mídia de forma estereotipada, como sendo uma pessoa marginalizada, invisível e/ou discriminada socialmente. A série brasileira “Segunda Chamada”, produzida pela O2 filmes e exibida pela Rede Globo em outubro de 2019, parece ir na contramão da maioria das mídias ao retratar a personagem Natasha de forma mais realista e humanizada ao longo dos seus 11 episódios. Esta pesquisa visa analisar como a transexual Natasha foi representada na produção audiovisual. A metodologia utilizada foi a proposta por Lopes (2003) e por Leal (2018), considerando a análise holística do audiovisual. Como resultado, foi possível verificar que a série retratou de modo mais fiel o cotidiano de uma pessoa “transexual”, auxiliando na desmistificação e na humanização da transexualidade.

Palavras-chave: Transexual. Análise Audiovisual Holística. Segunda Chamada - série.

INTRODUÇÃO

Em seu livro “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade”, Judith Butler (1990) desconstrói o conceito de gênero ao defender que sexo e gênero são diferentes, enquanto sexo é definido por categorias inatas, o gênero diz respeito aos papéis sociais.

Em meados de 1980, a Teoria Queer ganhou visibilidade, por meio da disseminação da obra de Michel Foucault (SPARGO, 2017). A partir de então, se iniciou a bifurcação dos conceitos de sexo e de gênero, considerando o gênero como parte essencial da individualidade do ser humano, que não necessariamente é definida pela concepção de sexo. Cunhou-se, portanto, a noção de identidade de gênero.

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. Se o gênero são os significados culturais

¹ Doutor em Estudos Linguísticos. Professor do curso de Jornalismo da UEMG-Frutal, plinio.volponi@uemg.br

² Graduando, UEMG, daniel.russan.santoos@hotmail.com

assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada ao seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. (BUTLER, 1990, p. 25)

Antes estudadas para entender o comportamento homossexual, a Teoria Queer abre espaço para novas identidades, baseadas nos processos sociais e culturais dos indivíduos, a saber:

A expressão queer significa esquisito, ridículo, estranho, adoentado, veado, bicha louca, homossexual. Os estudos queer invertem seu uso e passa a utilizá-la como marca diferenciadora e denunciadora da heteronormatividade englobando gays, lésbicas, transexuais, travestis e transgêneros. (BENTO, 2009, p. 06).

Um erro habitual é achar que a orientação sexual de determinada pessoa diz respeito também a sua identidade de gênero. Ao contrário da identidade de gênero, a orientação sexual é o que cada indivíduo pensa e sente sobre si e sobre a sua afetividade e sexualidade e por quem se sente atraído afetiva e sexualmente.

Sujeitos que expressam identidades como transexual, transgênero, travesti e até mesmo pessoas que se definem dentro e/ou fora do sistema normativo binário de gênero são pessoas “trans”. O termo “trans” é utilizado para abranger todas essas terminologias de identidade de gênero. E é por este grupo de pessoas que esta pesquisa se interessa.

O grupo “trans” vem sendo discriminado pela sociedade hodierna. Geralmente, as pessoas “trans” são tratadas como indivíduos socialmente inferiores e, por conta disso, são mais facilmente marginalizadas, inclusive dentro da comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e “+” para outras representações de gênero). Por sua vez, as mídias não as (re)tratam de modo diferente. Ao contrário, frequentemente, utilizam estereótipos previamente definidos, reforçando-os. Comumente, a pessoa “trans” é representada midiaticamente de maneira homossexual, sem levar em conta o fato de que há homens e mulheres transexuais que se identificam como heterossexuais.



De qualquer forma, toda representatividade midiática de uma personagem “trans” parece gerar algum impacto na sociedade, levantando questões sobre os espaços de atuação dessas pessoas, reconhecendo-as em certos lugares e espaços. O que poderia ser algo positivo para a desmistificação da pessoa “trans”. Porém, devido aos papéis televisivos serem interpretados frequentemente por atores cisgêneros, a imagem que passa para o público pode ser deturpada da realidade, imprimindo de maneira equivocada, por exemplo, os estereótipos da marginalidade e da prostituição.

Foi-se o tempo em que as transexuais estavam presas à marginalidade. Hoje, temos meninas nas universidades, em empregos formais, no cotidiano social, na indústria cultural. Temos atrizes competentes e talentosas. Não há justificativa para a escolha de um ator cis para representar uma trans. Vemos tantas atrizes e atores que não são conhecidos, mas que acabam sendo premiados, ganhando repercussão, por conta da competência no trabalho. E esses atores e atrizes podem ser trans, por que não? Ninguém dirá quem a gente, de fato, é. Um ator cis, hétero, jamais vai compreender o que está por trás da realidade trans. Perde-se, na verdade, uma oportunidade de se aprofundar essa representação. De buscar alguém que realmente entenda o cotidiano de uma transexual. Temos que mudar esse histórico. (CORREIO BRAZILIENSE, 2016)

Em contrapartida, a série televisiva “Segunda Chamada” parece querer se afastar do estereótipo social midiático e se aproximar da realidade social vivida. Com 11 episódios gravados na cidade de São Paulo, a produção é a primeira escrita pelas autoras Carla Faour e Julia Spadaccini. O elenco reúne atores como Carol Duarte, Felipe Simas, Mariana Nunes, Nanda Costa, Otávio Muller, Caio Blat, Arthur Aguiar, José Dumont, Marcos Winter e Linn da Quebrada.

O enredo evidencia o descaso com a educação pública de ensino EJA e mostra como cinco professores lidam com algumas irregularidades na escola, por exemplo: a falta de reconhecimento e de infraestrutura; e, o abandono institucional. Na série, são abordados temas como: o feminismo, a desigualdade racial e social; e, a transexualidade.

Cada episódio da série traz a história de uma personagem. Natasha, enfrenta preconceitos em diferentes situações da trama como: na escola onde estuda e na busca por um emprego. Diferente do que geralmente ocorre na mídia, a transexual Natasha é interpretada pela atriz Linn da Quebrada, também transexual. Ou seja, além de permitir que outras pessoas



“trans” se identifiquem com a personagem, a série também pode provocar uma identificação do telespectador com a atriz.

Em entrevista à revista TPM (2019), Linn da Quebrada comenta que “poder representar a Natasha é incrível principalmente por pensar que, na minha adolescência, eu não tive personagens assim em que eu pudesse me espelhar”. Desta forma, este trabalho visa observar como a série “Segunda Chamada” retratou a personagem transexual Natasha, a fim de identificar se os estereótipos da pessoa “trans” foram reforçados ou se foram ressignificados.

METODOLOGIA

Foi seguida a metodologia proposta por Lopes (2003) e Leal (2018). Ou seja, foram definidas as etapas de investigação e o audiovisual foi analisado de forma holística.

A coleta de dados foi feita por meio da decupagem dos 11 episódios da série “Segunda Chamada”, a fim de identificar as cenas que envolviam a personagem Natasha. A análise considerou os três aspectos do audiovisual, a saber: sonoro, visual e verbal. Sendo assim, foi possível chegar a uma análise descritiva das situações apresentadas. Por fim, chegou-se à etapa da análise interpretativa, que buscou identificar se os estereótipos foram reproduzidos ou ressignificados pela série.

DISCUSSÕES/RESULTADOS

Os resultados indicam que a transexual Natasha foi retratada em diferentes situações corriqueiras, como na apresentação de sua personagem no primeiro episódio no qual ela aparece na função de cobradora de um transporte público. Ao fundo se tem o sonoro da música “AmarElo” do cantor Emicida. A letra retrata justamente as dificuldades vividas pela personagem trans na sociedade, representada na parte “É um mundo cão pra nós, perder não é opção, certo? De onde o vento faz a curva, brota o papo reto num deixo quieto, não tem como deixar quieto. A meta é deixar sem chão quem riu de nós sem teto”.

Outro momento em que é possível constatar a humanização da personagem é pelo aspecto verbal no tempo 19:00 do primeiro episódio onde Natasha tem um diálogo com a



personagem “Dona Jurema”. Natasha é impedida de entrar no banheiro feminino por Dona Jurema: “Meu filho, esse banheiro é o das mulheres o dos homens é ali.” Natasha diz: “Dona Jurema, se eu entro lá agora, não sei nem se eu saio viva.” Jurema responde: “Vai reclamar com a direção, não sou obrigada a dividir banheiro com travesti.” Essa realidade é vivida por muitas pessoas trans e trazer isso para série é repudiar os preconceitos sofridos por travestis.

A Natasha é representada na série ocupando um espaço social, sendo aluna, tendo um emprego comum e demonstrando emoções, características que antes não eram inseridas em personagens transexuais na mídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÕES

A personagem é bem construída e a narrativa concentrada em transpassar para o telespectador as vivências e um novo olhar sobre pautas de gênero e corpos trans. A série “Segunda Chamada” promove um olhar social fiel do cotidiano das pessoas “trans”. A representatividade naturalizada do transexual pela mídia pode promover identificação e, até acolhimento de outras pessoas que se veem passando pela mesma situação, promovendo não só um ambiente de humanização, como também de desmistificação.

Não houve limitações para a análise, chegando à conclusão de que a maneira com que a personagem é representada se difere de outras produções midiáticas veiculadas até então. De acordo com o material coletado pode-se fazer uma comparação com outros materiais midiáticos a fim de analisar diferenças nos diálogos das personagens e reforçar que a personagem Natasha foi retratada de forma diferente.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **Sexualidade e experiências trans**: do hospital à alcova. 2012. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/csc/v17n10/15.pdf > Acesso em: 21 de out. de 2020.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

COLLING, A.; TEDESCHI, L. **Dicionário crítico de gênero**. 1. ed. Dourados-MS: Multimídia, p. 714, 2015.



CORREIO BRAZILIENSE. **Precisamos falar sobre representatividade Trans.** São Paulo: 27 de jun. de 2016. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/06/27/interna_diversao_arte,537926/precisamos-falar-sobre-representatividade-trans.shtml>. Acesso em 20 de out. de 2020.

LEAL, P. M. V. Por uma metodologia de análise do audiovisual. In: EMERIN, C.; COUTINHO, I. FINGER, C (Orgs.). **Epistemologias do Telejornalismo Brasileiro.** Coleção Jornalismo Audiovisual - Volume 7. Florianópolis: Insular, 2018.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação:** formulação de um modelo metodológico. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

REVISTA TRIP. **Viva e vencendo.** 07 de out. De 2019. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/linn-da-quebrada-na-globo-estreia-mostra-a-importancia-de-travestis-estarem-na-tv-e-nas-escolas>> Acesso em: 18 de out. de 2019.